



“É COMO SE AQUI NÃO TIVESSE PANDEMIA: REFLEXÕES SOBRE A PANDEMIA POR COVID-19 EM FAVELAS CARIOCAS.”¹

Fabiana Melo Sousa²

Marcos Thimoteo Dominguez³

Marize Bastos da Cunha⁴

Resumo

Este artigo traz alguns resultados de uma pesquisa em andamento a respeito da crise sanitária e humanitária em favelas do Rio de Janeiro, buscando dar visibilidade à diferentes perspectivas sobre a pandemia por Covid-19 em território de favelas, lugares onde percebe-se ao mesmo tempo a não-adesão da população às medidas sanitárias, como o uso de máscaras e o distanciamento social, e a invisibilidade das lutas locais e dos problemas estruturais agravados pela atual crise de saúde. Para esta reflexão, são mobilizadas experiências e metodologias da saúde coletiva inspiradas pela educação popular, e conceitos da filosofia no sentido de problematizar a ideia de favela como um problema social e percebê-la como territórios que *deslimitam* o conceito de cidade.

Palavras-chave: educação popular; saúde coletiva; favelas

“ES COMO SI AQUÍ NO HUBIERA PANDEMIA: REFLEXIONES ACERCA DE LA PANDEMIA DE COVID19 EN LAS FAVELAS CARIOCAS”.

Resumen

Este artículo muestra algunos resultados de una investigación en marcha sobre la crisis sanitaria y humanitaria en las *favelas* de Río de Janeiro, buscando dar visibilidad a las diferentes perspectivas acerca de la pandemia de COVID-19 en la zona de las *favelas*, donde se percibe la no adhesión de la población a las medidas sanitarias, como el uso de mascarillas y el distanciamiento social, al mismo tiempo que la invisibilidad de las luchas locales y los problemas estructurales agravados por la actual crisis sanitaria. Para esta reflexión, se movilizan experiencias y metodologías de salud colectiva inspiradas en la educación popular, y conceptos de la filosofía en el sentido de plantear la idea de *favela* como un problema social y percibirla como zonas que cambian la limitación del concepto de ciudad. **Palabras clave:** educación popular; salud colectiva; *favelas*

"IT'S AS IF THERE IS NO PANDEMIC IN HERE: REFLECTIONS ON THE COVID-19 PANDEMIC IN FAVELAS OF RIO DE JANEIRO"

¹ Artigo recebido em 15/08/2021. Avaliação em 04/09/2021. Aprovado em 23/11/2021. Publicado em 17/12/2021

² SEEDUC. E-mail: fabianamelosousa@gmail.com

³ Marcos Thimoteo Dominguez, Doutor em História, Políticas e Bens Culturais pelo CPDOC/FGV-RJ. Atua como pesquisador colaborador no Laboratório de Estudos e Projetos Urbanos e Regionais – LEPUR da Universidade Federal do ABC/SP e junto ao projeto “A Covid- 19 como situação limite: experiências e memória histórica na produção de conhecimentos em saúde com favelas do Rio de Janeiro”. E-mail: marcosthdz@yahoo.com.br

⁴ Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense. Pesquisadora do Departamento de Endemias Samuel Pessoa da ENSP/FIOCRUZ, atua no Laboratório Territorial de Manguinhos (LTM) da Fiocruz e como docente no Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública da ENSP. Coordena os projetos “Método CAP: dispositivo de produção compartilhada e difusão de conhecimento” e “A Covid-19 como situação limite: experiências e memória histórica na produção de conhecimentos em saúde com favelas do Rio de Janeiro”. E-mail: marizecunha@yahoo.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7509-9138>

Abstract

This article brings forward results of research in progress on the Public Health Emergency caused by COVID-19 and the ensuing sanitary and humanitarian crisis in favelas in Rio de Janeiro. It seeks to give visibility to different perspectives on the pandemic in favelas. In such places, two observed aspects are crucial: The population's non-adherence to sanitary measures, such as the use of masks and social distancing; secondly, the invisibility of local struggles and structural problems, worsened in the context of the current health crisis. This reflection mobilizes experiences and methodologies of collective health inspired by popular education. Also, it applies philosophical concepts towards problematizing the favela as a social problem to perceiving it as territories that unbound the idea of city.

Keywords: popular education; collective health; favela

O encontro de saberes: as comunidades ampliadas de pesquisa-ação.

Este artigo é um convite à reflexão sobre os impactos da crise sanitária e humanitária da pandemia por Covid-19 que atingiu duramente as favelas do Rio de Janeiro, fazendo emergir diversos problemas estruturais como a fome, a falta de saneamento básico e o desemprego, fruto de desigualdades econômicas e sociais históricas no país, e em particular na cidade.

Ele é resultante da pesquisa em andamento "A Covid-19 como situação limite: experiências e memória histórica na produção de conhecimentos em saúde com favelas do Rio de Janeiro", desenvolvida pelo Laboratório Territorial de Manguinhos (LTM), um espaço institucional de pesquisa e intervenção da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), que desde 2003 atua em territórios de favelas no Rio de Janeiro. Considerando a perspectiva interdisciplinar e a complexidade metodológica, a pesquisa é realizada em parceria com organizações locais (o Instituto Raízes em Movimento do Complexo do Alemão e o Jornal Fala Roça da Rocinha) e conta com uma equipe com experiências e formações múltiplas, constituídas por pesquisadores da Fiocruz e de instituições externas.

Iniciado em julho de 2020¹, o projeto busca compreender a dimensão da memória coletiva e da cultura local nos processos de determinação social da saúde em territórios vulneráveis, no caso as favelas do Alemão e de Manguinhos (Zona Norte do RJ) e da Rocinha (Zona Sul da Cidade), e analisar as formas de participação e vigilância popular presentes nas respostas à pandemia por Covid-19, produzidas pelos coletivos destes territórios, e de que forma podem fortalecer uma promoção emancipatória da saúde (PIVETTA, 2021; CUNHA et al, 2018).

A metodologia de pesquisa do LTM para atuar nas favelas é a formação das Comunidades Ampliadas de Pesquisa-Ação (CAP), que são constituídas por uma diversidade de pessoas, como pesquisadores e profissionais de várias áreas do conhecimento, bolsistas de

¹ Previsão de término em 2022.

pesquisa, moradores e ativistas das favelas, em parceria com movimentos sociais destes territórios

As CAP, de inspiração freiriana, são espaços de construção compartilhada de conhecimento, de mediação com os territórios onde buscamos promover o encontro do saber formal da ciência, da pesquisa, com o saber comum, situado e popular dos que vivem e trabalham no território, a fim de ampliar a compreensão de problemas e coletivamente encontrar alternativas possíveis aos processos de vulnerabilização que sofrem as favelas (PIVETTA et al 2018).

Compartilhamos conhecimentos na interlocução e interação entre as pessoas através de encontros presenciais e remotos, como rodas de conversa e entrevistas com moradores, bem como na participação em ações promovidas pelos coletivos destes territórios, acompanhando os movimentos sociais e as suas demandas de forma presencial e através das redes sociais (Facebook, Youtube e WhatsApp).

As CAP também produzem de forma compartilhada o que chamamos de materiais mediadores como fotografias, vídeos, mapas, cadernos de oficinas ou relatórios e que, durante o processo da pesquisa, são sistematizadas em narrativas audiovisuais, em diversos formatos como vídeos-documentários, filmetes, slide-show e outras possibilidades criativas que refletem a perspectiva de fazer junto de uma CAP.

Mobilizamos neste processo metodologias de pesquisas participativas da educação popular e outras construídas nas ações coletivas das favelas, tecnologias sociais destes territórios, presente tanto no ato de “virar uma laje” (Medeiros, 2016, p.48) com os vizinhos e amigos para erguer uma moradia quanto no “fazer audiovisual” dos coletivos de comunicação popular. (SOUSA et al, 2021).

Um fazer junto que é, principalmente, fruto dos encontros da diversidade de experiências dos integrantes de uma CAP, importantes para ter acesso aos diferentes saberes e perspectivas dos moradores, e dos pesquisadores, não apenas tomados isoladamente, mas também pela relação dialética entre suas diferenças e conflitos. É isso que nos possibilita construir um espaço de pontos de vista, avançando em uma compreensão sobre determinados fenômenos sociais (BOURDIEU, 1997).

Não significa que “fazer junto” seja a diluição dos conflitos de modo a dirimir as diferenças, pois é justamente nesta aproximação que é possível ampliar as percepções acerca de um problema, e refletir sobre o mesmo, levando para a roda de discussão as diferentes formas de pensamentos e atuações. Percepções e reflexões que são forjadas tanto nos espaços

acadêmicos quanto nos movimentos sociais, fronteiras por onde passam uma diversidade de pesquisadores.

O atual contexto de pandemia por Covid-19 impôs ao nosso trabalho alguns protocolos que exigiu a reorganização dos encontros presenciais e as produções compartilhadas para processos de trabalhos virtuais por meio da internet. A imersão nos territórios – representada pelos encontros entre as CAP e os da equipe de pesquisa, pelas entrevistas com moradores, entre outras atividades, passa a ser mediada cada vez mais pelas telas dos computadores e smartphones.

Os encontros com os territórios, são potencializados com as narrativas dos pesquisadores/moradores, por meio dos relatos, das observações e reflexões sobre as situações que vivem em suas favelas, e durante um destes encontros, quando perguntávamos sobre o uso da máscara ou sobre o distanciamento social nas localidades, eles afirmavam que passados os primeiros meses de 2020, as pessoas voltaram para as suas atividades cotidianas, sendo recorrente a observação de “aqui parece que não tem pandemia”.

Isso se confirmou em algumas saídas de campo na Rocinha e em Manguinhos, onde as pessoas nas ruas e becos circulavam livremente sem a proteção. Ao mesmo tempo, era possível ver um cotidiano que seguia com algumas aglomerações nos comércios locais, nas ações culturais e nas ruas principais. A impressão era de que a vida seguia normalmente, apesar da pandemia.

Deste fato surgem algumas perguntas: as pessoas não têm medo da Covid-19? Como se vive a pandemia nestes territórios de favelas? Quais são as maiores preocupações destas pessoas, em meio a uma das maiores crises planetárias do século XXI?

Buscando regularmente respostas a estas questões, encontramos pistas que podem ajudar nossa reflexão, partindo da relação entre a favela e o restante da cidade, mediada pelas experiências destas localidades. Nas entrevistas com os moradores, eles relatam as dificuldades que viveram desde o início da pandemia e ainda vivem, bem como as suas respostas frente à atual crise. São relatos que remetem a outras situações do passado, indicando que a crise faz parte da história das pessoas que vivem nestes territórios. Tratase de territórios e populações que vivem sempre limite permanente, como inseridos numa “avalanche”, destacou uma moradora do Complexo de Manguinhos.

O fato é que as populações de favelas enfrentam desde sempre situações-limite no seu cotidiano (FREIRE, 2001), que obrigam a reinvenção da sua própria existência no dia a dia. Tal

condição nos leva a outra interrogação: no contexto atual, o que possibilita as pessoas nos territórios vulnerabilizados reexistir, recriando a vida cotidianamente?

Para além do discurso recorrente de que a pandemia escancarou as desigualdades, avaliamos ser necessário dar um giro analítico, reconhecer que a pandemia não é algo em si. Ela é vivida e enfrentada de modo muito diferente em cada território, ainda que as orientações e protocolos indicados pelas agências internacionais e nacionais possam ser comuns a todos os países e lugares.

A favela e o deslimite da cidade.

As favelas do Rio de Janeiro são uma multiplicidade de formas, histórias e singularidades. O modo como as pessoas vivem nestes lugares os diferentes processos inscritos na configuração de cada espaço favelizado na cidade, resultam em diversos territórios com histórias, expressões culturais e ocupações urbanas diferentes entre si.

É importante que se destaque esta pluralidade de vidas porque ainda é comum encontrar narrativas que simplificam e homogenizam estes territórios, sob o paradigma da ausência/violência (SILVA, 2009): lugares onde não tem nada, além da violência ou pobreza. Uma ideia que reforça a distinção e separação entre favela e cidade enquanto entidades opostas, sendo a favela o grande problema de toda a cidade, a lepra estética, associada à doença e aquilo que deve ser curado (PIVETTA et al, 2018).

Esta oposição cria alguns binarismos como o formal e informal, entre aquilo que é legal e ilegal, entre o orgânico e caótico, baseia-se “num modelo funcionalista” que concebe a sociedade como um todo harmônico em que cada um dos seus membros cumpre uma função” [MEDEIROS, 1986, p.18]. Os grupos que não estão de acordo com este organismo, ou seja, que se encontram em “disfuncionalidade” [MEDEIROS, 1986] também não compartilham de valores sociais que são pré-estabelecidos e partilhados entre aqueles que são integrados ao sistema funcional da sociedade, em geral que têm a cara e cultura das elites do país: brancos, héteros, ricos, letrados.

Nesta perspectiva, a favela é um problema social.

Vejamos uma situação atual. Os protocolos e medidas sanitárias são orientados por meio de determinações epidemiológicas padronizantes de comportamentos e de modos da vida, pré-estabelecidos a partir de uma vida urbana ditada por suas zonas centrais, cujos mecanismos de regulação da vida e das relações sociais excluem de seus manuais a heterogeneidade em termos de formação social e econômica.

Por isso, é preciso desacomodar o olhar que observa a favela como um problema social, deslocando para outro que visibiliza territórios em que os sujeitos coletivos desenvolvem inovações comunicativas eficazes no enfrentamento de problemas estruturais urbanos, repensando assim a própria visão de cidade.

Repensar também o conceito de favela para desconstruir o conceito de cidade, transformando assim esta questão em um problema que nos força a pensar, o que nos remete às discussões dos *problemas filosóficos* colocados por Deleuze e Guattari (2004), que propõem a criação de conceitos filosóficos a partir daquilo que desestabiliza corpo e pensamento e nos impulsiona para encontrar as respostas, que no caso da filosofia, resultam nos próprios conceitos filosóficos. Um conceito filosófico é, portanto, criado a partir de problemas que afetam as pessoas em num determinado plano de imanência por ele enunciado.

Todo conceito remete a um problema, a problemas sem os quais não teria sentido, e que só podem ser isolados ou compreendidos na medida de sua solução: estamos aqui diante de um problema concernente à pluralidade dos sujeitos, sua relação, sua apresentação recíproca. (DELEUZE, GUATTARI, 2004 p.28).

Mas a filosofia não está isolada neste movimento, ela precisa ser confrontada com o mundo que lhe é exterior e ser mobilizada para recolocar questões e formular perguntas.

Ela confronta seu limite em conexão com o que vem de fora, e assim “cria os conceitos que lhe conferem consistência” nos encontros com outros *intercessores*, pois, sem eles, ela não teria “as forças necessárias para construir problemas e criar conceitos”. (ABREU, 2010, p. 291). Essa relação se insere em um duplo movimento de *desterritorialização* e *reterritorialização* (DELEUZE, GUATTARI, 2004).

O desterritorializar propõe um caminhar em um território mobilizando, de múltiplas maneiras, a rede de afetos que circulam nestes lugares, perceber como elas se materializam e se expressam para assim radicalizá-las, repensá-las e recolocá-las (DELEUZE, GUATTARI, 2004). Mas, um movimento de *desterritorialização* não existe sem o de *reterritorialização* que é a criação do próprio conceito – o conceito é onde a filosofia se ancora num determinado plano (se reterritorializa) e, assim, se materializa no mundo (DELEUZE, GUATTARI, 2004, p.114).

Os problemas filosóficos nos levam a este movimento, pois são eles que nos desestabilizam e que forçam o pensamento a pensar, que desafiam corpo e cérebro que podem, em muitos momentos, estar habituados aos processos e construções de outros tempos, em outros contextos, mas que não servem mais. Neste plano, os movimentos de *desterritorialização* e

reterritorialização criam tensões e rearticulações, a partir dos afetos que produzem sentidos sobre o mundo.

O diálogo entre as nossas práticas e reflexões, inspiradas na educação popular, encontra na filosofia uma poderosa intercessora que pode ajudar a compreender os caminhos que levam as pessoas nas favelas, por exemplo, a não-adesão aos protocolos de segurança durante a pandemia por Covid-19.

Não se trata tanto de criar conceitos para exprimir nossa resposta às perguntas, e a compreensão da realidade em curso. Mas de construir um novo olhar capaz de traduzir o *deslimite* provocado pelas favelas em tempos de pandemia.

A favela e o favelado promovem um deslocamento de olhar quando *deslimitam* as cidades, na medida em que não funcionam dentro do ordenamento social. E, ao fazê-lo, interrogam a configuração espacial e temporal da cidade, sua dinâmica e relações de força, suas representações simbólicas, desnaturalizando o ordenamento social, e contribuindo para a construção de um olhar crítico. Dialogando com Fassin (2018) em sua análise sobre as formas de vida e os refugiados, observamos que a liminaridade de sua existência, em especial nestes tempos de crise humanitária, torna possível compreender as sociedades contemporâneas a partir de suas margens.

Os corpos que atuam nestes territórios remanejamos os espaços e as linhas das cidades com as suas próprias vidas porque são pessoas que não cabem na ordem social estabelecida, oriundas, geralmente, de processos de desenraizamento, que se deslocam de outros estados, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, e entre as favelas (CUNHA et al, 2015), na maioria das vezes populações negras, nordestinas e do interior de estados do Sudeste.

Suas vidas formam novos percursos, sobretudo porque são estes os corpos que se impõem na paisagem das cidades e se ramificam nos morros, entre becos e vielas, crescem para além dos limites da cidade, não como uma árvore que produz diversos caules em um tronco, mas como um arbusto de modo rizomático (BERENSTEIN, 2001) que se espalha por todos os cantos da cidade, constituindo territorialidades onde pessoas se organizam para além da sobrevivência e do abrigo, jogando o seu espírito para os territórios, impregnando-o de respostas ao dilema da moradia.

A arquitetura na ocupação espacial, a cartografia da vida - construída pelos sujeitos, por seus atos e gostos (ROLNIK; GUATTARI, 1996), pela arte produzida, a exemplo do samba e do funk, os modos de se fazer política na resistência contra as situações-limites (FREIRE, 2001)

que lhes são impostas e os valores éticos que dessa vivência são construídos, fazem parte da história das favelas, um processo de reinvenção das cidades.

Compreender as favelas em sua diversidade, distanciando-se dos conceitos universais e preconceitos sobre estes territórios nos força a pensar, nos leva ao *deslimite* de corpo e pensamento e exige de nós perceber e enxergar as cidades a partir de outras perspectivas.

O espaço popular da favela se organiza por meio de suas múltiplas temporalidades e inter-relações, potencializando um perpétuo movimento de mobilização social e política. As redes de apoio social, que envolvem grupos organizados, as relações com o Estado e a articulação de pequenos coletivos e moradores, se conectam no cotidiano produzindo uma complexa trama política e econômica. No pulsar da vida, parece que esses territórios expandem sem limites por meio de uma dinâmica de escalas corporais, espaciais e temporais.

Apesar dos graves impactos da Pandemia por Covid-19 nas favelas, a vida continua pulsando nestas localidades. Observamos que a crise sanitária e humanitária explicitou e atravessou dilemas antigos nas favelas, mas, ao mesmo tempo, indicou espaços e práticas inovadoras. Ao tratarmos o espaço como produto social (LEFEBVRE, 2013), consideramos não apenas a perspectiva histórica, resultante da dialética entre temporalidades e espacialidades, mas a própria práxis. Ou seja, a relação espaço-tempo na favela deve ser tratada como elemento essencial da prática social. Uma abertura de possibilidades à ação por parte de grupos populares.

Quais são as formas de criação de novas possibilidades de vida nas favelas, mediante à crise sanitária que até o momento já ceifou mais de meio milhão de pessoas somente no Brasil?

A pandemia: situações-limites do presente e do passado.

Começamos aqui com as perguntas que tem nos guiado no diálogo com os moradores e coletivos em favelas: por que temer a Covid-19 quando o medo de ser morto pela polícia é maior? Como não aglomerar nas ruas, quando as casas pequenas acolhem famílias com mais de cinco pessoas? Quais são as alternativas para a higienização das mãos e do ambiente quando a falta de água é parte do cotidiano da maioria das favelas? Quais as alternativas ao uso de máscara, quando torna-se sufocante subir becos e vielas em lugares onde a acessibilidade é o problema maior? Como seguir com o tratamento das doenças crônicas se os hospitais estão lotados com pacientes da Covid-19?

São perguntas que nos levaram a pensar no desencontro entre as regras sanitárias impostas e a realidade vivida pelas pessoas, e sobretudo, a observar com cuidado as

possibilidades reais de enfrentamento da população destes territórios ao atual momento da pandemia.

Consideramos que a crise sanitária e seus impactos sobre o cotidiano de vida e trabalho dos moradores de favelas do Rio de Janeiro assume uma configuração de situação-limite. Ao mesmo tempo, a pandemia pode ser concebida como um evento, um acontecimento de impacto, que é experimentado como injustiça e risco à vida, trazendo à tona conflitos acumulados ao longo do tempo.

Com um evento, necessidades, ainda não veiculadas como demandas, são percebidas, então, em sua dimensão coletiva, e expectativas tecidas encontram possibilidades de se colocar enquanto ação (CUNHA et al, 2015). É o evento crítico que, na perspectiva da Veena Das, penetra em profundidade, se ancora no cotidiano e adquire uma dinâmica própria, por isso devendo ser compreendido a partir da perspectiva dos sujeitos que o experimentam (DAS,1995). Neste sentido, concebemos a pandemia por Covid-19 nas favelas doo Rio de Janeiro, como um evento crítico (DAS,1995; MISSE et al, 2012), que vem configurar uma situação-limite (FREIRE, 2001) na qual os coletivos de favelas atuam, tendo como base uma memória que atravessa suas ações coletivas como parte de seus repertórios de luta.

São memórias acessadas durante as entrevistas com moradores cujos relatos indicam as singularidades da pandemia na atualidade, mas que se remetem a outros momentos do passado, ou a uma realidade estrutural da favela. Uma reflexão nas análises dos pesquisadores do projeto, que moram nestas localidades, é de que a crise é parte da história das favelas, onde a vida se dá no limite. Nas palavras de um morador entrevistado: a favela é a situação-limite.

A pandemia como evento crítico, ao atravessar essa vida cotidiana, tem a propriedade de suspender temporariamente as distintas formas de regulação das relações de poder e de usos territoriais. O olhar sobre as favelas, lugar onde a vida é vivida no limite, ajuda a compreender como um evento crítico desloca-se, atravessando o cotidiano e ao mesmo tempo abrindo possibilidades para sua interpretação e conhecimento. A partir dessa localização, é preciso compreender a relação entre os sofrimentos cotidianos vividos pela população e as repostas coletivas e individuais a esta condição, de forma ampliar a noção de cuidado tanto no campo da política como da saúde coletiva.

Embora seja um evento global, a pandemia é sentida e experimentada nos territórios e nos corpos. A memória, a experiência e a história local tornam-se elementos fundamentais para compreender não apenas os sofrimentos e dores causadas em contexto pandêmico, mas como as pessoas resistem, enfrentam e superam seus dramas cotidianos.

Além do acometimento da doença, das perdas materiais e das mortes, há efeitos perversos nessa inversão entre escalas na implementação de ações de saúde, por exemplo, fortemente instrumentalizadas: por um lado, marginaliza-se ainda mais os territórios de favela e suas populações, tratados como o lugar da incapacidade e da ignorância; e, por outro lado, responsabiliza-se seus habitantes, considerados pessoas negligentes, que adotam comportamentos irresponsáveis, produtores de problemas para si e para a cidade, acusados na manutenção de taxas de contágio e de romperem com a o isolamento social.

Uma moradora, participante da CAP Manguinhos, reflete que enclausurados em casa por conta de um vírus, todos os outros problemas persistem – com crianças, com idosos, como a mãe, dona de casa, trabalhadora, mas também com a economia e problemas de vida, violências etc. As pessoas seguem suas vidas da forma que podem, mas ninguém está bem, os problemas de saúde mental assim começam a explodir. Como lidar pessoalmente ou em família com essa multiplicidade de demandas?

São muitos os problemas, vividos como uma experiência de dor, que aparecem tanto nas entrevistas realizadas no projeto quanto nas análises dos pesquisadores que moram nos territórios de favelas. Destacam-se, em especial: a falta de emprego e renda que impacta diretamente na segurança alimentar; o adoecimento por Covid-19 e o luto vivido pelos familiares; o isolamento como um dos principais fatores da depressão e outros agravos relacionados à saúde mental; a sobrecarga de trabalho das mulheres, que já era vivida, mas foi intensificada na pandemia; a violência policial, gerando insegurança e indignação, além de cercear os movimentos de moradores na busca de emprego, da saúde e do apoio social. Dizemos que ocorre o aprisionamento, mais que o isolamento.

O emprego e renda foi uma questão importante colocada pela CAP Manguinhos. Moradores entrevistados relataram a impossibilidade de não se expor ao coronavírus, principalmente depois de ficarem em casa sem emprego, ou com a redução de renda nos primeiros meses da pandemia no ano de 2020. Também que, pelo menos, alguém da casa deixou de trabalhar por conta dos efeitos da Covid-19. Em alguns casos, o trabalho informal foi citado como solução imediata. Neste sentido o uso das máscaras enquanto medida de combate à transmissão do coronavírus passa a ser relativo à necessidade de ir para o trabalho, locais onde são obrigatórios. O transporte público também é citado pelos moradores enquanto ineficiente, mesmo com máscara, devido a lotação.

A falta de renda, por sua vez, tem uma relação direta com a fome. Moradores e ativistas da favela que estão na linha de frente das ações de distribuição de cestas básicas, trazem em

seus depoimentos uma marca de dor e sofrimento vividos durante as medidas de combate aos efeitos da pandemia. A constatação do aumento da fome na favela é algo que vem sendo constantemente registrado: “a gente mexeu com algo sério que é a fome, enquanto tiver cesta básica vai ter gente pra buscar”, conta uma moradora da Rocinha. A presença da fome não apenas exacerba um problema social presente na favela, ela expressa, por meio da fala e do imaginário coletivo uma questão ética, envolvida pela percepção da vida digna, em que o morador se vê humilhado mediante a situação-limite.

O contexto pandêmico, na visão dos participantes da pesquisa, interferiu negativamente nos serviços de saúde local. Seja por conta do aumento de restrições em termos de atendimento presencial nos equipamentos de saúde, seja por causa da sobrecarga gerada no sistema e pelo desgaste dos profissionais de saúde na comunidade. Por outro lado, eles enfatizaram a importância da atenção básica no momento de pandemia, em que muitos conseguiram contar com apoio e atendimento emergencial nesse período de crise. A maioria dos moradores ou foram infectados pela doença ou tiveram parentes e vizinhos que adoeceram. A experiência do luto, das perdas de familiares foi algo recorrente nas respostas.

Outra importante informação levantada nas entrevistas: há uma forte sobrecarga sobre as mulheres da favela. Além de sustentar a casa, ter que buscar trabalho, muitas afirmaram ter que cuidar do restante da família, assumindo responsabilidade que deveriam ser exercidas pelos sistemas de saúde e assistência social. A depressão e a dificuldade de mobilidade de pais idosos; o trabalho de alfabetizar os filhos que estão sem escola; a busca por trabalho, comida e sustento familiar são alguns casos em que agora se sobrepõem sobre a vida da mulher moradora da favela.

Como afirmamos: viver na favela é viver a experiência do limite. Percebemos que na vida da mulher favelada a Covid-19 apresenta-se como um fenômeno social que articula evento crítico e situações-limite. A experiência do luto pela Covid-19 se sobrepõe ao luto pela perda de um filho após uma ação policial. Essa condição de exaustão vivida por uma mãe é reflexo da vida no limite da favela.

Por outro lado, há esperança pela ação, no movimento de *deslimite* (*reterritorialização*), as mães e coletivos de favelas criam estratégias para confrontar esse quadro de violência. Um exemplo dessa mobilização é o debate em torno da Arguição de Descumprimento de Preceitos Fundamentais 635, conhecida como a “ADPF das Favelas”, fruto de uma ação coletiva entre órgãos públicos e movimentos sociais, apresentada ao Superior Tribunal Federal que deu causa

favorável à proibição do uso de helicópteros blindados nas incursões policiais em favelas, no período de pandemia.

A vitória do campo jurídico, porém, não impediu que no dia 06 de maio de 2021 uma operação policial na favela do Jacarezinho – Zona Norte do Rio de Janeiro, resultasse na morte de 25 pessoas. Uma moradora de Manguinhos relata em uma roda de conversa do projeto, que não tem medo da pandemia, e sim da polícia matar um de seus filhos.

Essa situação de violência policial nas ruas das favelas tem um impacto imediato na vida cotidiana dos moradores, principalmente quando nos referimos à orientação sanitária “fique em casa”, em referência à medida de distanciamento social. As casas com poucos cômodos, a constante falta de luz, a escassez de água encanada faz com que sair de casa seja a melhor solução para não aglomerar ou para buscar alternativas de sobrevivência, como carregar água, tomar banho no trabalho ou na casa de parentes, procurar pequenos serviços informais que ajudam no complemento da renda ou mesmo entrar em filas de distribuição de cestas básicas

A crise causada pela Covid-19 explicitou e atravessou dilemas antigos, mas, ao mesmo tempo, indicou espaços e práticas inovadoras. Ao tratarmos o espaço como produto social (LEFEBVRE, 2013), consideramos não apenas a perspectiva histórica, resultante da dialética entre temporalidades e espacialidades, mas a própria práxis. Ou seja, a relação espaço-tempo na favela deve ser tratada como elemento essencial da prática social. Uma abertura de possibilidades à ação por parte de grupos populares.

Humanizar o olhar para não desumanizar as pessoas.

No Laboratório Territorial de Manguinhos, não realizamos uma pesquisa qualitativa por amostragem, mas por meio de um método de pesquisa participativa com as CAP, que mediam a relação com o território a partir de um trabalho coletivo.

A nossa aposta é se aproximar das redes de proteção locais no sentido de fortalecer estes movimentos, para além de uma visão assistencialista, mas partindo de um princípio muito caro para nós que é do reconhecimento de que nas respostas dos moradores frente aos problemas, que são estruturais, existe um conhecimento que é acumulado ao longo das experiências nas favelas e que é mobilizado em momentos de crise.

Mais do que incorporar o ponto de vista e experiência dos moradores nos preocupamos em aprender com o que eles produzem em termos de conhecimentos nas suas respostas, que são, sim, forjadas nas experiências. Essas diferentes experiências e apropriações, além de

contribuir para a configuração de cenário urbano heterogêneo, permitem produzir novas perspectivas em relação à própria vida urbana, ampliando os limites das possibilidades de ação e constituição do sujeito na cidade. Movimentos que vem deslimitando a favela e a cidade.

Diante da interrupção de parte dos serviços públicos imposta em tempos de pandemia, foram os coletivos de favelas que mapearam as famílias que necessitavam de algum tipo de atendimento emergencial. A partir do cadastramento e da construção de bancos de dados locais, uma cartografia da solidariedade foi criada na cidade do Rio de Janeiro.

Na favela, há um conjunto heterogêneo de redes de apoio social formado por ONGs locais, equipamentos públicos e espaços governamentais, pequenas empresas, creches e outros centros comunitários, grupos de jovens, instituições religiosas, formalizados ou não. Por conta da pandemia e da necessidade de ações de caráter coletivo e cooperado, foram criados fóruns participativos, integrados por mais de um grupo, associações e ativistas independentes.

Por sua vez, verifica-se diferentes formatos em termos organizativos, com uso de espaços físicos na comunidade; plataformas virtuais e redes sociais. Há instituições que atuam há décadas nas favelas, enquanto outras foram criadas recentemente.

Este trabalho tem nos apontado que existe tristeza e ao mesmo tempo vida e saídas nas redes de proteção da vida que atua nestes territórios, mais ainda, que a sensação de que a pandemia não está no campo de interesse das pessoas, porque elas não usam máscaras e não estão “ficando em casa”, é parte de uma visão de fora contaminada pela rigidez prescrita de uma ciência tradicional, que não enxerga as pessoas em sua totalidade, na relação com a sua comunidade e o lugar onde vivem.

Como apontou uma pesquisadora que faz parte da CAP Rocinha, “não é a mesma receita pra todo mundo”, ou, como disse uma moradora do Alemão “o padrão não nos servem”. As medidas sanitárias de ficar em casa e usar a máscara nos territórios de favelas não devem ser vistas como uma prescrição médica que funciona em todo e qualquer lugar, mas pensada em relação aos problemas estruturais e soluções locais para atuar nos impactos da pandemia nestas localidades.

Dialogar e compartilhar são os verbos que estruturam a CAP, tornando-a um movimento de produção de vida no cotidiano dos territórios, um modo de interação com os territórios de favela, orientado por um projeto ético-poético-político. Ético na preocupação de como construir o diálogo com o outro, poético porque ligado ao pensamento criativo de modos de fazer as coisas que produzam vida, e político porque não estamos ligados meramente à estetização da vida, mas sim à dimensão das relações simbólicas entre as pessoas (TIBURI, 2016). Há que se

pensar coletivamente, a partir da ação local, caminhos que interfiram em favor de um projeto de cidade humanizada, solidária e fraterna. Esse é o mote para as nossas reflexões na descida ao cotidiano do território e das CAPs (PIVETTA, 2021, p.103).

Referências

ABREU, Ovídio. A arte na filosofia de Deleuze. In: LOBO, Rafael Haddock (org). **Os filósofos e a arte**. Rio de Janeiro: ROCCO, 2010, p. 289-314.

ARAÚJO, Inesita. **Mercado Simbólico**: interlocução, luta, poder – Um modelo de comunicação para políticas públicas. 2002, 352f. Tese (Doutorado em Comunicação) Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

BERENSTEIN, Jacques Paola. **Estética da Ginga: arquitetura das favelas através das obras de Hélio Oiticica**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.

BOURDIEU, Pierre (Coord.). **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.

CUNHA, Marize Bastos; PIVETTA Fatima; PORTO, Marcelo Firpo de Souza. O desastre cotidiano da favela: reflexões a partir de três casos no Rio de Janeiro. **O Social em Questão**, Rio de Janeiro, Ano XVIII, 33, p. 39-58, 2015.

CUNHA, M. B. et al. Vigilância popular em saúde: contribuições para repensar a participação no SUS. In: BOTELHO, B. O. et al (org.). **Educação popular no Sistema Único de Saúde**. São Paulo: Hucitec, 2018, p. 79-101.

DAS, Veena. **Critical Events: An Anthropological Perspective on Contemporary India**. NewDelhi: Oxford University Press, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é filosofia?** Tradução Bentro Pradro Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed.34, 2 ed., 2004.

FASSIN. **D.Une forme de vie contemporaine**. In: Estelle Ferrarese & Sandra Laugier, eds, **Formes de vie**, Paris, Cnrs Éd., 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

LEFEBRVE, Henri. **La producción del espacio**. Trad. Emilio Martínez Gutiérrez, 1 ed. España: Capitan Swing, 2013

MEDEIROS, Ligia. **A criança da favela e sua visão do mundo**: uma contribuição para o repensar da escola. Dois Pontos. Rio de Janeiro,1986.

MEDEIROS, Josinaldo. Na Favela. [Entrevista concedida a David Amem]. **Catálogo da Mostra de Filmes Imagens e Complexos**. Rio de Janeiro, vol. 1, n.1. p.48. 2016.

MISSE, Michel et al. Entre palavras e vidas: Um pensamento de encontro com margens, violências e sofrimentos - Entrevista com Veena Das. *Dilemas - Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*; v. 5, n. 2 (2012).

PIVETTA, Fátima; PORTO, Marcelo F.; CUNHA, Marize B. Comunidades Ampliadas de Pesquisa-Ação do Laboratório Territorial de Manguinhos: um caminho de interação com o território. In: ODDONE, I. et al. (Org). **Ambiente de trabalho: a luta dos trabalhadores pela saúde**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 2020. p. 199-215.

_____. **Comunidade Ampliada de Pesquisa-Ação: uma contribuição metodológica para a promoção emancipatória da saúde nos espaços urbanos**. 2021. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.

_____; et al. **Leituras sobre políticas públicas: o PAC Favelas como mirante de observação**. Rio de Janeiro: ENSP – Fiocruz, 2018.

_____; PORTO, Marcelo Firpo de Souza; CUNHA, Marize Bastos. Comunidade Ampliada de Pesquisa-Ação do Laboratório Territorial de Manguinhos: um caminho de interação com o território. In: Oddone, I (et al, Org.). **Ambiente de trabalho: a luta dos trabalhadores pela saúde**, 2ª ed., São Paulo: Hucitec, 2020.

ROLNIK, Suely; GUATTARI, Felix. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996.

SILVA, Jailson et al. (org). **O que é favela, afinal?** Observatório de Favelas, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://observatoriodefavelas.org.br/wp-content/uploads/2013/09/o-que-%C3%A9-favelaafinal.pdf>. Acessado em; 11 nov. 2019.

SOUSA, Fabiana Melo; Cunha, Marize Bastos; PIVETTA, Fátima. Aprendizados com grupos de favelas. O uso das ferramentas virtuais em uma pesquisa participativa. IN **Revista Latinoamericana de Ciencias de La Comunicación**. v.19, n.35. 2021.

TIBURI, Marcia. **Filosofia prática**. 3ª ed. RJ: Record, 2016.